

A Etnografia da Música segundo Anthony Seeger: clareza epistemológica e integração das perspectivas musicológicas

ACÁCIO TADEU DE C. PIEDADE

A tradução e publicação do artigo “Etnografia da Música”, de Anthony Seeger, é uma ótima oportunidade para refletir sobre a crescente ampliação de áreas e perspectivas para a compreensão da música. Muitas vezes estas entram em choque, ou há debates nos quais se atacam e se defendem, ou ficam recolhidas em suas províncias. O cenário muitas vezes parece o de uma arena de luta dos campos do saber, à la Bourdieu, sendo que a música, aquela velha arte de todos os povos, acaba saindo do foco principal. É bom ler este artigo de um intelectual que, revitalizando o pensamento integrador de seu eminente avô Charles Seeger, mostra a dificuldade de se conhecer a música como totalidade e a necessidade de integração de diferentes perspectivas teóricas para atingir este objetivo.

Anthony Seeger é um nome muito conhecido na antropologia brasileira. O antropólogo norte-americano, que defendeu sua tese de doutoramento em 1974 sobre a sociedade indígena Suyá, do Brasil Central (Seeger, 1974), trabalhou como pesquisador e professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro de 1975 a 1982. Sua obra “Why Suyá Sing” (Seeger, 1987), assim como os diversos artigos que escreveu sobre os Suyá, são amplamente lidos no Brasil, referência fundamental na área da etnologia indígena e, particularmente, na etnomusicologia (ver Coelho, 2007). Após trabalhar na Smithsonian Institution, Seeger é hoje professor do famoso Departamento de Etnomusicologia da Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e vem frequentemente ao Brasil, seja para visitar

e desenvolver projetos com os Suyá ou para ministrar conferências e participar de congressos. Anthony Seeger acompanha com atenção a produção acadêmica brasileira, a qual conhece com profundidade (Bastos, 2003; Cohn *et alii*, 2008). Recém-eleito vice-presidente da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET), Prof. Seeger tem sido muito contributivo para o avanço da antropologia e da etnomusicologia brasileira, e a publicação em português do presente artigo se insere nesta direção.

Como comenta na introdução, Seeger escreveu este artigo, em 1990, visando uma introdução à etnografia da música. Seu estilo pragmático é ideal para estudantes e leitores não especialistas, principalmente porque consegue traduzir em uma linguagem simples e direta questões profundas e complexas. O autor comenta que, se fosse escrever este artigo hoje, teria que triplicar o volume da bibliografia devido aos avanços teóricos e produtividade na etnomusicologia nos últimos 15 anos, e que teria que focar mais detidamente temáticas como propriedade intelectual e indústria fonográfica, sobre as quais ele mesmo tem publicado mais recentemente (Seeger, 2004).

Nesta breve apresentação, não pretendo realizar esta atualização de bibliografia e nem comentar os avanços teóricos ou novas temáticas que surgiram: creio que o artigo de Anthony Seeger vale por si mesmo da forma como está e trata de questões que continuam atuais. Sua descrição do percurso histórico da etnomusicologia, por exemplo, é ampla e irretocável,

abrangendo, principalmente, o cenário norteamericano até a década de 1980. Pretendo destacar, neste artigo, dois pontos fundamentais no artigo: a clareza do problema epistemológico e o ensejo de uma abordagem integradora.

Logo de início se pode ver como o autor vê a abrangência de uma simples performance musical. Pedindo que usemos a imaginação, ele logo mostra que ela envolve os músicos e o público, sendo que a música age causando vários possíveis efeitos e experiências. A descrição desta performance na sua amplitude seria a base para a etnografia da música. Ao final do artigo, na seção sub-intitulada “Faça Você Mesmo”, a riqueza do pragmatismo do autor se revela claramente. Aqui também a imaginação do leitor é conclamada para observar um show de reggae a partir da mesa de um bar. Dali se pode levantar uma quantidade grande de observações e questões. Se o âmbito da pesquisa sai da mesa do bar para outras mesas, o etnógrafo alcança uma nova e complexa teia de fatos, incluindo as categorias nativas. É dali para a constatação dos universos onde estas categorias funcionam e onde não. O valor heurístico deste exercício é grande, com certeza qualquer estudante de etnomusicologia sairá enriquecido com esta leitura.

A etnografia não pode deixar de lado os músicos e outros agentes que fazem parte do fato social a ser descrito. Toda esta investigação, a experiência de campo, as observações, os questionamentos, as entrevistas, as categorias nativas, tudo o que se pode perceber que está envolvido na performance musical constitui a etnografia da música. Um lado da questão epistemológica está revelado: a complexidade do objeto (performance musical) e a amplidão de questões que se pode fazer a respeito dele. O outro lado aparece em forma de anedota, ao final do artigo: uma descrição de uma performance musical, mesmo rica e detalhada, constitui apenas uma perspectiva possível, já que quem a produz é um sujeito que, sendo limitado por sua natureza, somente

pode produzir a sua própria visão do objeto, decorrente de seu recorte teórico.

Anthony Seeger gosta de usar, em suas conferências, a metáfora do corte de uma banana: para se descrever uma banana pode-se cortá-la de várias formas, seja transversalmente, de comprido, ou em fatias, mas a banana descrita será sempre diferente (Seeger, 2003). Ou seja, o objeto depende do olhar, o resultado depende do recorte. Por mais realista que se tente ser, as decisões tomadas e aspectos subjetivos estarão sempre agindo. Devido a esta limitação profundamente humana, mesmo que o jovem etnógrafo do show de reggae tenha lido o artigo de Seeger e tratado de observar os diversos ângulos da performance, ocorrerá que sua etnografia portará uma descrição datada e marcada por sua subjetividade e também pela área de seu curso e, não menos influente, pelo seu orientador. Toda esta parcialidade não tem que ser ocultada, ao contrário, sua riqueza se encontra no fato dela ser revelada, isto eleva o valor da etnografia. A limitação de cada perspectiva é o gancho para tratar do outro ponto que destaquei: a abordagem integradora.

Se a música é um sistema de comunicação, como define o autor, sendo que a comunicação humana atinge um espectro imenso de fenômenos, somente uma abordagem com múltiplas perspectivas poderia dar conta de compreender a música. Isto o famoso musicólogo Charles Seeger, avô de Anthony, já apregoava em meados do século passado, e sua sinopse revela um esquema ainda hoje interessante. A vastidão de assuntos que concernem a música é tal que cada orientação particular somente pode revelar um aspecto da totalidade, um corte da banana. As perspectivas têm diferenças e divergências profundas quanto ao método e às camadas específicas que querem observar, porém há um fator integrador inerente a todas estas disciplinas: a compreensão da música em sua totalidade. Nesse sentido,

todos os campos do esquema de Charles Seeger aparecem inseridos em uma grande área que tem este objetivo: a musicologia. Musicologia não pode ser sinônimo de apenas uma perspectiva, como os musicólogos históricos se acostumaram a tratar no século XX. Além disso, o prefixo “etno” passou a ser incômodo, pois qualquer olhar musicológico carrega o *ethnos* do autor e do objeto. Ao invés de se separarem e se entregarem às lutas dos campos de saber, disputando prestígio acadêmico, legitimidade e recursos, ao invés de insistirem na sua particularidade e defenderem seus pontos de vista, as musicologias deveriam se visitar, se convidar, se incluir em um projeto musicológico maior: a compreensão global da música. Cada orientação é uma orientação e produz um resultado particular, cada banana depende do olhar que lhe corta. Os resultados são legítimos ao seu modo, e somente uma ampliação do escopo destes olhares, somente um trabalho conjunto pode revelar o objeto em suas várias faces. A perspectiva dos Seeger, tanto de Charles quanto de Anthony, é integradora neste sentido.

Pode-se dizer que, apesar da idade, o artigo tem seu valor preservado. A necessidade de atualização é uma realidade em quaisquer artigos que, como este, procuram fazer um apanhado de questões teóricas e metodológicas, uma síntese sobre temas tão importantes para algumas áreas da academia. A crescente produtividade em pesquisas e publicações só mostra que o tempo transcorrido tem cada vez mais fome de novidade, e que as soluções para os dilemas e questões fundamentais da antropologia e da musicologia ainda não

apareceram: os velhos pontos fundamentais permanecem indevassados. Por isso, a leitura deste artigo vale muito a pena e será com certeza importante para os leitores interessados e estudantes de antropologia e etnomusicologia na atualidade brasileira.

Referências Bibliográficas

- BASTOS, Rafael. Entrevista com Anthony Seeger. *Ilha, Revista de Antropologia*, Florianópolis, vol. 5, n. 1, p. 133-156, 2003.
- COELHO, Luis Fernando Hering. A nova edição de *Why Suyá Sing*, de Anthony Seeger, e alguns estudos recentes sobre música indígena nas terras baixas da América do Sul. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, pp. 237-249, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v13n1/a09v13n1.pdf>>. Acesso em: 04 Fev. 2009.
- COHN, Clarice *et alli*. Entrevista: Por que canta Anthony Seeger? *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 50, n. 1, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/>>. Acesso em: 16 nov. 2008.
- SEEGER, Anthony. *Nature and Culture and Their Transformations in the Cosmology and Social Organization of the Suyá, a Ge-Speaking Tribe of Central Brazil*. Chicago: University of Chicago, 1974. 420 p.
- _____. *Why Suyá Sing: A Musical Anthropology of an Amazonian People*. Cambridge University Press, 1987. 147 p.
- _____. A Tropical Meditation on Comparison in Ethnomusicology: A Metaphoric Knife, a Real Banana, and an Edible Demonstration. *Yearbook for Traditional Music*, Chicago, v. 34, p. 187-192, 2003.
- _____. Traditional Music Ownership in a Commodified World. In: FRITH, Simon; MARSHALL, Lee (Orgs.) *Music and Copyright, Second Edition*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004, p. 157-171.
- TRAVASSOS, Elizabeth. A Antropologia Musical de Anthony Seeger. *Debates: Cadernos de Programa de Pós-Graduação em Música*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 67-77, 1997.

autor Acácio Tadeu de C. Piedade

Professor do Departamento de Música / UDESC

Recebida em 01/12/2008

Aceita para publicação em 15/12/2008